



XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

ISBN: 978-85-68618-00-4

CURSOS NOTURNOS E A POLÍTICA DE EXPANSÃO E REESTRUTURAÇÃO DA UNIVERSIDADE: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE SAÚDE

Jucilene Dias Maranhão

Universidade Federal da Bahia- UFBA
jucimaranhao@yahoo.com.br

Gabriela Rodrigues de Paiva

Universidade Federal da Bahia- UFBA
gabi.paiwa80@hotmail.com

Renata Meira Veras

Universidade Federal da Bahia- UFBA
renatameiraveras@gmail.com

Resumo

A ampliação do acesso ao ensino superior público por meio da política de expansão e reestruturação das universidades federais se deu a partir de 2007, com a criação do REUNI, e procurou atender, especialmente, os cursos noturnos. Após a adesão da Universidade Federal da Bahia (UFBA) a esta política, algumas mudanças ocorreram, sobretudo na estrutura física da instituição e no perfil socioeconômico do estudante. O presente artigo tem o objetivo de analisar o perfil dos estudantes dos cursos noturnos de saúde, criados no âmbito do REUNI, e suas percepções sobre as implicações da estrutura física da UFBA para a formação acadêmica. Utilizou-se como metodologia questionário socioeconômico e entrevistas semiestruturadas aos estudantes dos cursos noturnos de saúde, cujos dados foram analisados de forma qualitativa e apresentados a partir de tópicos e categorias de análise. Sua discussão se fez à luz dos autores que analisam as políticas públicas de educação para o ensino superior, chegando-se à conclusão que a UFBA teve enormes avanços do ponto de vista da inclusão social e da implantação de cursos com nova modalidade curricular, com regime de ciclo, flexível e interdisciplinar, mas que ainda precisa avançar em relação a espaços físicos como a biblioteca e o Restaurante Universitário.

Palavras-chave: Política Pública; Cursos Noturnos; Estrutura física; Percepção estudantil.

Introdução

A história da educação brasileira, no final da década de 1980, com a construção e promulgação da Constituição Federal de 1988, começa a tomar novos rumos. Iniciou-se uma (re) democratização, tardia, porém com avanços da sociedade civil no processo de formulação de políticas direcionadas para as minorias, entre elas, cidadãos que estavam fora da educação superior. Apesar de o país estar saindo de um regime político ditatorial e, por consequência,

estar fragmentado e com uma população marcada pela desigualdade, buscou-se novos caminhos através das políticas públicas.

Ainda nos anos 1970 e 1980, foram abertas as faculdades noturnas que absorviam os remanescentes da universidade pública, ou seja, a demanda represada que reivindicava ampliação de vagas em instituições públicas e compunha o movimento estudantil chamado de “excedentes” (DURHAM; SAMPAIO, 2000; TERRIBILI FILHO; NERY, 2009). Com a aprovação da Lei 9.394, referente às Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, passou-se a definir o ensino noturno nas instituições de educação superior pública, desde que garantida a necessária previsão orçamentária (BRASIL, 1996), pois a oferta no turno diurno já existia, mas não atendia a todos. Criou-se, então, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) o regulamento para cursos noturnos por meio da Resolução nº 003 de 1999, mas alegando a pouca previsão orçamentária, a UFBA só manteve em funcionamento dois cursos de graduação e permaneceu assim até 2007.

Posteriormente, a política de expansão do ensino superior fez com que a UFBA, em 2007, aderisse ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) do governo federal e assim pôde ampliar seus cursos noturnos, investir na infraestrutura da instituição e em outros aspectos, como a implantação de novos regimes curriculares. Com os recursos financeiros do REUNI, ela conseguiu, então, cumprir com uma maior oferta de cursos noturnos. Antes da adesão ao REUNI, só funcionavam na UFBA, no período noturno, as licenciaturas em Física e Geografia; os cursos seguiam um modelo tradicional, com currículos lineares, impossibilitando a articulação de saberes com os diversos institutos da universidade; o público estudantil era demasiadamente pertencente às classes sociais mais elevadas; e a estrutura física da instituição estava bastante precária, carecendo melhorias em diversos aspectos, entre eles os prédios das unidades de ensino, o restaurante universitário e a implantação de um sistema de transporte que interligasse seus *campi* (UFBA, 2007).

As políticas públicas, segundo Rua (2007), devem ter interesses coletivos e difusos, para que possam atender a todos, e um caráter emancipatório para os cidadãos, especialmente para os marginalizados. Assim sendo, as diretrizes da política do REUNI objetivavam uma reestruturação das universidades federais, de modo que contemplassem as condições para ampliação do acesso e permanência na educação superior, de pelo menos 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, aproveitamento melhor a estrutura física, especialmente no período noturno e valorizando a flexibilização e a interdisciplinaridade das modalidades de graduação (BRASIL, 2007). Dessa forma, a política de expansão do ensino superior visava atingir a democratização de acesso e permanência, ampliando as políticas de inclusão e de assistência estudantil por entender que assim contribuiria com “a igualdade de oportunidades para o estudante que apresenta condições sócio-econômicas desfavoráveis” (BRASIL, 2007). Estes itens, apresentados na política do REUNI, foram distribuídos em seis dimensões: 1) Ampliação da Oferta de Educação Superior Pública; 2) Reestruturação Acadêmico-Curricular; 3) Renovação Pedagógica da Educação Superior; 4) Mobilidade Intra e Inter-Institucional; 5) Compromisso Social da Instituição; 6) Suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação.

Na Proposta de Adesão ao REUNI (2007) a UFBA apresentou várias metas mediante seu financiamento que previa uma ordem de 2 bilhões, a ser disponibilizado, progressivamente, para as Instituições Federais de Ensino Superior (BRASIL, 2007). O financiamento dividir-se-ia entre recursos de custeio e de investimento. Os recursos de investimento, separados em três percentuais, se destinariam da seguinte forma: 10% para projetos estruturantes dos Campi (segurança, urbanização, paisagismo, iluminação, sistema viário, rede elétrica, rede de comunicação interna, rede lógica etc), 70% para equipamentos de uso coletivo (pavilhões de aulas, auditórios, pavilhões de laboratórios, restaurantes

universitários, residências universitárias, bibliotecas setoriais, módulos administrativos, centro de idiomas, núcleos de apoio didático etc.) e em unidades (Obras novas, reformas, ampliações, adequações etc.) e 20% para aquisição de material permanente, como por exemplo, equipamentos, mobiliário e veículos (UFBA, 2007; MARANHÃO *et al.*, 2013b).

Mas de forma bem clara, as maiores metas do documento de adesão da UFBA ao REUNI estavam relacionadas à implantação de cursos noturnos e às novas modalidades curriculares, flexíveis e interdisciplinares, atendendo, principalmente, à primeira e à segunda diretrizes do REUNI. O regime de ciclos, como fora caracterizada a nova estrutura curricular da UFBA, dialoga com a proposta da Escola Nova de Anísio Teixeira, sendo que o primeiro ciclo compreende uma nova modalidade de cursos, chamado de Bacharelado Interdisciplinar (BI); o segundo ciclo contempla a formação profissional específica, encurtando a duração dos atuais cursos e focalizando as etapas curriculares de práticas profissionais; e o terceiro ciclo confirma e integra a formação acadêmica em nível de pós-graduação (MARANHÃO *et al.*, 2013a). Os BI possuem duas etapas: na primeira metade do curso tem a formação geral e na segunda metade do curso tem a formação específica. A flexibilidade e a interdisciplinaridade de seu currículo permite aos estudantes cursar disciplinas também em diversos cursos de modalidade tradicional e seus egressos têm assegurado pela UFBA, após a conclusão do BI, o ingresso a estas modalidades (MARANHÃO *et al.*, 2013a).

Os BI e os demais cursos criados a partir do REUNI se concentraram, sobretudo, no período noturno. Arroyo (1990) defende que a universidade deve criar institutos noturnos, flexíveis e polivalentes, com estruturas novas, cursos e currículos que aproximem e enriqueçam a reflexão e a produção, de modo que o sistema educacional brasileiro possa reduzir os problemas envolvendo a inserção e participação dos trabalhadores-estudantes dos cursos noturnos (ARROYO, 1990). Do mesmo modo, Terribili Filho e Nery (2009) endossam a defesa de Arroyo (1990) ao sinalizarem que as políticas de educação devem levar em consideração os impactos do ensino superior noturno na vida do estudante.

O perfil de 52,5% dos estudantes universitários do noturno no Brasil refere-se, de acordo o FONAPRACE (2011), ao estudante trabalhador, oriundo das classes C, D e E. Na UFBA, esse mesmo percentual compõe o quadro dos trabalhadores-estudantes e estudantes-trabalhadores do noturno, de acordo com Santana (2013). As políticas públicas passam por um ciclo formador, com várias fases, que vão marcar seu sucesso ou não. A política de expansão das universidades federais identificou um problema social, implementou ações para dar conta das demandas apresentadas e precisa de uma avaliação para completar seu ciclo formador. Essa avaliação, em andamento, no Brasil, ainda não apresenta dados definitivos.

Mediante a ampliação de acesso ao ensino superior a partir da implementação do REUNI, da abertura de cursos noturnos e de investimentos na estrutura física da UFBA, desenvolveu-se uma pesquisa sobre suas implicações para os estudantes. A presente pesquisa buscou conhecer, por meio da opinião dos estudantes de cinco cursos noturnos da UFBA, como eles veem as mudanças na instituição depois de sua reestruturação. Essa investigação integra uma pesquisa maior, chamada “As implicações acadêmicas decorrentes do REUNI para o Processo de formação em Saúde da UFBA”, realizada entre 2013 e 2014, com sete cursos, diurnos e noturnos, da área da saúde.

A pesquisa foi coordenada por uma professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) da UFBA e desenvolvida por bolsistas da graduação e do mestrado acadêmico. Foram entrevistados, ao todo, 28 estudantes, sendo que a maioria ingressou na instituição juntamente com a abertura dos cursos noturnos em 2009, alguns ingressaram depois, mas a percepção de todos pode contribuir na avaliação da implementação da política de expansão do REUNI. A pesquisa tem cinco eixos de investigação, sendo que um deles se destina a analisar a influência da infraestrutura da UFBA na formação universitária. O eixo citado foi escolhido para ser examinado neste artigo.

Portanto, o objetivo deste artigo é analisar o perfil dos estudantes dos cursos noturnos de saúde criados no âmbito do REUNI e suas percepções sobre as implicações da estrutura física da UFBA para a formação acadêmica.

Metodologia

A metodologia se constitui através da pesquisa qualitativa, com base em técnica de entrevistas individuais semiestruturadas e aplicação de questionário. De acordo com Fraser e Gondim (2004) a pesquisa qualitativa permite "conhecer as razões e os motivos que dão sentido às aspirações, às crenças, aos valores e às atitudes dos homens em suas interações sociais" (FRASER; GONDIM, 2004, p.151).

Primeiro foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da política pública referente à estrutura física da instituição. Analisou-se a proposta do REUNI, de modo a problematizar o papel da gestão universitária quanto à situação atual de sua estrutura física e o novo perfil estudantil que ingressou na instituição a partir dessa política de expansão. Depois foram aplicados os questionários socioeconômicos e realizou-se as entrevistas com 20 estudantes dos cursos noturnos de saúde, criados no âmbito do REUNI.

Desenvolveu-se um estudo qualitativo sobre os dados socioeconômicos dos entrevistados e suas percepções sobre a estrutura física da universidade, a compor seis categorias de análise. Os estudantes selecionados são dos cursos de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Farmácia, Biotecnologia, Gastronomia e Saúde Coletiva. A partir dos resultados encontrados, foi feita uma discussão que se centra em dois tópicos principais: perfil socioeconômico dos entrevistados e percepções dos estudantes sobre a estrutura física da UFBA.

Resultados e Discussão

Com base na análise da política de expansão e reestruturação da universidade, criada em 2007, pelo governo federal, buscou-se debater sua implantação e suas implicações para estrutura física da UFBA e para a formação do estudante. Assim, a discussão dos resultados que se inicia visa contribuir para uma avaliação dessa política por parte da gestão universitária, diagnosticando a situação atual de sua estrutura física e o novo perfil estudantil dos cursos de saúde. Os resultados foram organizados em dois tópicos que serão apresentados e discutidos separadamente. O primeiro tópico se destina a analisar o perfil socioeconômico dos entrevistados e o segundo analisa as percepções dos estudantes sobre a estrutura física da UFBA.

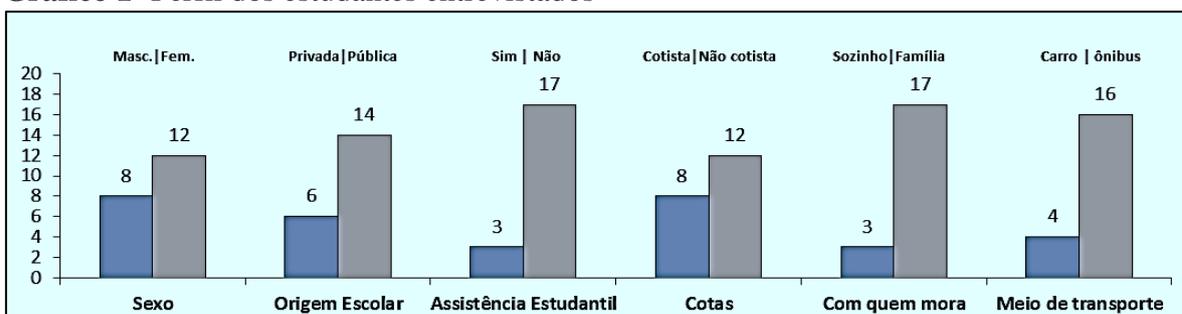
1- Perfil socioeconômico dos entrevistados

Dos 20 estudantes selecionados aleatoriamente para as entrevistas dessa pesquisa, 10 ingressaram na universidade via processo seletivo Vestibular, ENEM ou SISU, 6 já havia cursado o Bacharelado Interdisciplinar (BI) e, portanto, são egressos do BI cursando Farmácia, Biotecnologia e Saúde Coletiva, e 4 são estudantes do BI em Saúde que ingressaram via ENEM. Os egressos do BI e estudantes do BI em Saúde, que compõem a metade dos entrevistados, transitam entre os *campi* da UFBA com uma intensidade maior que os demais, devido a estrutura curricular dessa modalidade de graduação que permite que se curse componentes curriculares em diversas unidades de ensino da UFBA, até para que os estudantes que ainda estejam nesse ciclo possam conhecer e escolher o curso profissionalizante que irá fazer após seu término. A mobilidade acadêmica desses estudantes

possibilita um olhar mais privilegiado sobre a instituição de ensino. Os únicos entrevistados que não tiveram passagem pelo BI são os de Gastronomia.

A pesquisa procurou saber alguns dados que pudessem compor o perfil dos entrevistados, como sexo, se era oriundo de escola privada ou pública, se era beneficiário de algum tipo de assistência estudantil, cotista, se morava sozinho ou com a família, que tipo de transporte usava para ir a universidade e a renda familiar. Os resultados encontrados estão apresentados no gráfico 1:

Gráfico 1- Perfil dos estudantes entrevistados



Fonte: Elaboração das autoras com base no perfil dos entrevistados.

De acordo o gráfico 1, o perfil da maioria dos entrevistados é do sexo feminino, oriundo da escola pública, cotista, mora com a família e usa ônibus, transporte público de massa, para seus deslocamentos. Com exceção do dado sobre cotas, esse perfil também é compatível como o dos estudantes das universidades federais de todo o país, segundo o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis – FONAPRACE (2011). A pesquisa do FONAPRACE (2011) não mostra percentual de cotista, mas apresenta a autodeclaração dos estudantes sobre raça/cor/etnia, na qual 53,93% deles se declaram brancos, 32,08% pardos, 8,72% pretos, 3,08% amarelos e 0,93% indígenas.

Quanto à participação em programas de assistência estudantil, apenas 3 entrevistados disseram que são beneficiários, mas não foi informado sobre quais programas fazem parte. No âmbito das universidades federais, a participação em programas de assistência estudantil também era muito baixa, embora exista atualmente um grande número de estudantes oriundos de escolas públicas. O FONAPRACE (2011) informa que o percentual de estudantes que utilizam os programas de alimentação é em torno de 15%, quase 11% são atendidos pelos programas de bolsas de Permanência e 10% pelos programas de transporte. A Coordenadoria dos Programas de Assistência ao Estudante da UFBA cedeu à pesquisa o quantitativo de ações de assistência para os cursos de saúde, criados no âmbito do REUNI. Até 2013.1, as ações de assistência destinadas aos estudantes foram, respectivamente, 55 para os estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, 25 para Biotecnologia, 22 para Farmácia, 19 para Gastronomia, e 17 para Saúde Coletiva (UFBA, 2014).

A pesquisa FONAPRACE (2011) alerta para “a necessidade de ampliação dos equipamentos institucionais de assistência aos estudantes no período noturno” (FONAPRACE, 2011, p.33) devido ao fato de a maioria destes fazer parte das classes sociais economicamente desfavorecidas. Assim sendo, o gráfico 2 informa a renda familiar dos pesquisados:

Gráfico 2- Renda familiar dos estudantes dos cursos noturnos de saúde da UFBA



Fonte: Elaboração das autoras com base na renda familiar dos entrevistados.

Mediante o gráfico 2, metade dos entrevistados tem renda familiar entre 1 a 3 salários mínimos (SM), indicando que é bastante semelhante à da maioria dos aprovados em todos os cursos do noturno na UFBA, entre 2009 e 2013, de acordo a pesquisa de Santana (2013). Nessa pesquisa, 58,7% dos estudantes tinham renda entre 1 a 5 salários mínimos e 10,6% tinham uma renda menor que 1 salário mínimo. Quanto aos dados do FONAPRACE (2011) sobre a renda familiar de todos os estudantes das universidades federais, 41% tem entre 1 a 3 salários mínimos.

Os resultados encontrados divergem do perfil socioeconômico dos aprovados nos vestibulares da UFBA, no período de 2001-2004, pois estes eram de camadas sociais mais abastadas. Entre 2001-2004, o percentual de estudantes com renda inferior a 5 salários mínimos era em média de 27,8%. Os demais tinham uma renda de 5 salários acima (UFBA, 2005), diferença significativa em relação aos dados de Santana (2013). Separados por área dos cursos, é possível especificar os estudantes com renda superior a 10 e 20 salários mínimos em 2001-2004 e, o documento institucional que apresenta esses dados mostra que eles se concentravam na área II, que representa os cursos de saúde: “a área que concentra o maior percentual de candidatos classificados com renda superior a 10 SM é a área II, com cerca de 44,7%, sendo que 21,4% tem renda superior a vinte SM” (UFBA, 2005, p.59).

Os dois gráficos mostram que a UFBA depois da adesão ao REUNI passou a atender um novo perfil social, diferentemente de seu histórico anterior, conhecido por atuar “a serviço das elites” (ALMEIDA FILHO, *et al.*, 2010, p.295). Assim, a universidade está consolidando o compromisso social firmado por meio da adesão ao REUNI. Mas, além do compromisso com a inclusão social, ela fixou metas de investimento em projetos estruturantes dos Campi, em aquisição de material permanente e em equipamentos de uso coletivo e em unidades de modo que melhorasse sua estrutura física para atender as novas demandas.

2- Percepções dos estudantes sobre a estrutura física da UFBA

Após a aplicação do questionário que identificasse o perfil dos pesquisados, foi indagado aos mesmos como consideram a estrutura física da UFBA e se ela influencia de alguma maneira na sua formação. As respostas dos entrevistados apontaram para uma reflexão sobre espaços físicos, equipamentos, veículos e situação de segurança. Essas respostas foram tratadas e organizadas em seis categorias de análise, conforme apresentadas abaixo:

Categoria 1: Bibliotecas e Salas de estudos

Categoria 2: Restaurante Universitário

Categoria 3: Estrutura física das Unidades de Ensino: salas de aulas, banheiros, elevadores, rampas de acesso e equipamentos de ventilação/climatização

Categoria 4: Espaços de aulas práticas: laboratórios e cozinhas

Categoria 5: Sistema de transporte Buzufba

Categoria 6: Segurança nos *campi*

Para uma melhor compreensão das categorias elencadas, faz-se necessário ressaltar a localização dos espaços referidos, principalmente das unidades de ensino e do Restaurante Universitário, citados nas entrevistas. De acordo ao Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (SIBI), a UFBA possui um conjunto de 29 bibliotecas, contando com a Biblioteca Central do *campus* de Ondina, localizada no bairro de Ondina e a Biblioteca de Saúde, do *campus* do Canela, localizada no bairro do Canela, sendo que a maioria dos cursos de saúde utiliza mais a Biblioteca de Saúde do Canela; há duas unidades do Restaurante Universitário (RU) no *campus* de Ondina; o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde está localizado no Pavilhão de Aulas da Federação 3 (PAF3), *campus* de Ondina; a Faculdade de Farmácia também fica no *campus* de Ondina, mas distante do PAF 3; o curso de Biotecnologia está localizado no Instituto de Ciências da Saúde (ICS) no *campus* do Canela; o curso de Gastronomia funciona na Escola de Nutrição da UFBA (ENUFBA) que também fica no *campus* do Canela; e o curso de Saúde Coletiva está localizado no Instituto de Saúde Coletiva (ISC) também no *campus* do Canela.

Análise compreensiva das categorias

Categoria 1: Bibliotecas e Salas de estudos

Os estudantes afirmam que com a chegada do REUNI a infraestrutura de alguns *campi* da UFBA melhorou e mostram-se esperançosos para que outras reformas aconteçam, mas informam que os espaços de estudos e convivência precisam avançar muito, sobretudo na Biblioteca que teve seus espaços de estudos suprimidos e/ou colocados na parte externa do prédio, na qual há barulho e desconforto:

Antigamente quando tinha os lugares pra você estudar lá dentro [na biblioteca] era muito melhor por causa do silêncio, [mas agora] as pessoas não respeitam esse silêncio (estudante do 10º semestre de Farmácia, grifo nosso).

A frequência com que a biblioteca aparece nas queixas dos estudantes indica para um sério problema que está diretamente implicado com a formação oferecida na universidade. De acordo os entrevistados, faltam livros nas bibliotecas e que esse fato prejudicará sua formação:

alguns poucos privilegiados conseguem pegar o livro emprestado e outros não, então isso prejudica a formação dos que não conseguiram (estudante do 6º semestre do BI em Saúde, grifo nosso).

A falta de livros e a supressão de espaços de leitura, apontadas pelos estudantes, deveria ser um problema dirimido com o recebimento dos recursos do REUNI, mas parece que esse recurso não foi suficiente para suprir a necessidade da biblioteca.

O conhecimento compilado nas bibliotecas auxilia a universidade a se inserir no universo da ciência e a torna, como defende inúmeros teóricos, um espaço privilegiado da razão. De acordo Latour (2000) a biblioteca tem enorme importância para o “corpo” e a “alma do conhecimento” e um mundo sem bibliotecas seria incompreensível: “os laboratórios, as

bibliotecas e as coleções estão ligados num mundo que, sem eles, permanece incompreensível, que convém mantê-los, se nos interessarmos pela razão” (LATOURE, 2000).

A diminuição física das bibliotecas tradicionais não é peculiar à UFBA, é um desafio que todas as instituições de ensino superior passaram a enfrentar com o advento das bibliotecas digitais. Mas, mesmo que se entenda que uma biblioteca não irá se sobrepor a outra, ambas necessitam existir com a maior capacidade possível para servir aos leitores. Para Cunha (2000), com a explosão bibliográfica promovida pela informação digital, seria “impossível adquirir tudo o que se publica” (CUNHA, 2000, p. 79). Este autor previu a diminuição ou o desaparecimento dos prédios das bibliotecas tradicionais. Segundo ele, as bibliotecas universitárias deveriam sofrer reformas ou mudar-se para novas instalações, de modo que tais reformas precisariam “combinar os elementos que fazem uma biblioteca funcionar em um ambiente de rápida mudança e, ao mesmo tempo, manter-se como o centro intelectual do campus” (CUNHA, 2000, p.78-79). Os espaços físicos que deveriam ganhar mais importância seriam os espaços de leitura e reflexão nos quais se aprende “a ser indivíduo, e não apenas parte de uma massa” (CUNHA, 2000, p.78).

A queixa dos estudantes entrevistados paira, exatamente, sobre os espaços de estudos que foram suprimidos, pois neles se lê, se pesquisa, se reflete materiais impressos e eletrônicos, e a ausência ou diminuição deles interfere na pesquisa e no desenvolvimento da formação acadêmica. Percebe-se, então, que a UFBA precisa avançar sobre essa nova forma de lidar com o conhecimento preservado nas bibliotecas e sobre seu uso e, o melhor caminho é ouvir os estudantes.

Categoria 2: Restaurante Universitário (RU)

É quase unânime entre os entrevistados a queixa sobre o RU e como ele afeta diretamente os estudantes, a exemplo da fala do estudante de Saúde Coletiva:

O RU tem pouco espaço para a quantidade de estudante que tem na UFBA... almoço no RU [leva] é duas horas (estudante do 3º semestre de Saúde Coletiva).

O Restaurante Universitário é uma obra que, já há algum tempo, a universidade reconhece como prioridade para os estudantes. Em 2010, foi anunciado que haveria a “conclusão do Restaurante Universitário de Ondina e viabilização do Restaurante Universitário do Canela/Graça, no contexto do Plano Diretor” (ALMEIDA FILHO *et al.*, 2010, p.54). A proposta de fazer a “implantação do Restaurante Universitário do Canela” (UFBA, 2007) havia sido feita em 2007, no documento de adesão da UFBA ao REUNI e, no Relatório de Gestão da UFBA 2012, o RU aparece entre as metas para 2013 como sendo parte das Ações Afirmativas e Assistência Estudantil. Neste último documento, a universidade pretendia “instalar, em cada *campus* da UFBA, pelo menos uma unidade de restaurante universitário” (UFBA, 2013, p.60). Durante a realização das entrevistas, em 2014.1, os estudantes apontaram apenas 2 unidades de RU para atendimento geral dos estudantes, ambas no *campus* de Ondina, local que dificulta o acesso para estudantes dos demais *campi*. Na Residência Universitária do bairro da Vitória também há um refeitório, mas seu uso é apenas para os residentes e bolsistas.

A queixa estudantil reside no tamanho do restaurante para a quantidade de usuários, dada à expansão das matrículas da UFBA; na distância entre o RU e o local de seus cursos; e na qualidade dos alimentos servidos:

Eu trabalhava, eu chegava aqui e não tinha onde comer [...]. Quando abriu o RU, logo no início, ainda você conseguia ir lanchar, tomar um café, mas depois [...], não sei o que aconteceu [...] começou a comida ficar muito ruim, então acabou você tendo que correr para outros lugares ou já vir alimentada ou trazer... então,

isso tudo influencia na minha formação porque é um tempo que a gente poderia tá ganhando, comendo aqui mesmo e indo estudar [...]. Se botou o curso noturno [é porque] o aluno precisa cursar noturno, porque o aluno trabalha. [...] No meu caso, eu tive que sair do trabalho, porque se não eu não ia conseguir me formar no prazo (estudante do 10º semestre de Farmácia, grifo nosso).

[...] o RU... a gente não tem essa facilidade porque é longe, já a biblioteca é de fácil acesso (estudante do 5º semestre de Saúde Coletiva, grifo nosso).

As reclamações se ratificam quando se considera que os *campi* ficam em bairros diferentes da cidade de Salvador e grande parte do público estudantil do período noturno é da classe trabalhadora (SANTANA, 2013), logo muitos só se dirigem à universidade após o expediente de trabalho. Portanto, a fala dos pesquisados revela quão grande é sua dificuldade para disponibilizar tempo que permita usar o RU e, após seu uso, pegar um ônibus para se deslocar até o *campus* de estudo, sem prejudicar as aulas que tem início às 18h30min, ou, sair no intervalo de alguma aula, no horário de 20h30min, para ir e voltar do RU, e então, assistir as próximas aulas.

A qualidade dos alimentos servidos no RU é motivo de constantes reclamações que vão além das entrevistas para essa pesquisa. Em 2013, após denúncia de vários estudantes que tiveram infecção alimentar, a Vigilância Sanitária do Município de Salvador interditou o RU da UFBA. Entre os problemas encontrados, foram detectados “presença de vetores e acondicionamento irregular de alimentos” (ALVES, 2013). Em nota a um jornal de circulação local, a assessoria de comunicação da UFBA disse que a cozinha do Restaurante Universitário passaria por uma reforma e uma nova empresa assumiria a gestão do restaurante (ALVES, 2013). Após a ocorrência do fato, a universidade publicou que “foram investidos R\$1 milhão, na restauração completa da sua cozinha industrial” (UFBA..., 2013), na reforma que inclui “uma nova estação de gás, reservatório de água potável, instalações hidrossanitárias e nova câmara fria para conservação de gêneros alimentícios, novas máquinas e equipamentos e depósito de lixo, adequando-a totalmente às exigências da Vigilância Sanitária” (UFBA..., 2013). Mesmo após esse investimento, nas entrevistas da presente pesquisa, os estudantes reclamam da qualidade dos alimentos, dando um sinal de que as ações voltadas para o RU ainda precisam se intensificar.

Categoria 3: Estrutura física das Unidades de Ensino: salas de aulas, equipamentos de ventilação/climatização, banheiros, elevadores e rampas de acesso

Para esta categoria houve diversos posicionamentos ora de elogios, ora de críticas à estrutura física das unidades de ensino. Os estudantes reconhecem que houve melhorias na estrutura física da UFBA, sobretudo nos prédios novos, reformados ou recém-construídos com o investimento do REUNI:

[O Instituto de] Saúde Coletiva é lindo, é organizado, as pessoas são educadas, tudo que a gente precisa a gente encontra [...] agora tem alguns [institutos] que você entra e não acredita que está em uma universidade (estudante do 3º semestre de Saúde Coletiva, grifo nosso).

Com a chegada do REUNI que deu uma melhorada em alguns câmpus. Mas tem muitos locais que ainda deixam a desejar (estudante do 1º semestre de Farmácia, grifo nosso).

Se tratando da infraestrutura, eu considero boa. As salas são confortáveis e a maioria tem ar condicionado. Temos um ambiente propício para os estudos, mas, considero importante aumentar a quantidade de livros disponibilizada nas bibliotecas (estudante do 3º semestre do BI em Saúde, grifo nosso).

Para os entrevistados a estrutura dos prédios novos, como o PAF3, PAF 4, PAF 5, o prédio de Ciências Contábeis e alguns prédios mais antigos que também tiveram melhorias, como o de Medicina e o PAC está boa, mas as instalações dos prédios antigos são muito precárias, como o ICS, e as Faculdades de Direito e de Educação:

Na frente do ICS as obras começaram desde o início do ano e não terminaram, tem lama e goteiras em época de chuva (estudante do 3º semestre de Biotecnologia).

De acordo com suas falas, os banheiros estão entre as instalações mais comprometidas, eles aparecem nas entrevistas na mesma proporção que a biblioteca e o RU:

*Aqui no ICS é a infraestrutura é péssima, as salas são pequenas, **os banheiros só andam sujos**, os bebedouros só andam dando defeito (estudante do 5º semestre de Biotecnologia, grifo nosso).*

*Vou falar de Farmácia, porque salas, agora as salas tão boas. Banheiros sem condições... **os banheiros são muito, muito ruins e os melhorzinhos ainda falta papel, ainda falta limpeza** (estudante do 10º semestre de Farmácia, grifo nosso).*

No geral, os pesquisados reclamam da falta de limpeza e de materiais de higiene dos banheiros, sobretudo no turno da noite, que acabam provocando desconforto aos usuários. A prestação dos serviços de limpeza e conservação da universidade é atribuída por Souza (2010) à terceirização dos serviços que se iniciaram desde a década de 1980 na UFBA e que até então, as empresas prestadoras de serviços experimentam uma rotatividade na contratação e “uma oscilação do número de trabalhadores terceirizados” (SOUZA, 2010). A autora também menciona a “troca de crachás”, expressão usada para atribuir à renovação dos contratos dos mesmos funcionários, implicando “na perda de direitos como férias e 13º, posto que estas alterações ocorrem, em geral, antes de se completar um ano de trabalho” (SOUZA, 2010). Contudo, não é difícil deduzir que a situação trabalhista irregular dos funcionários de limpeza afeta a prestação desse serviço, culminando na sua qualidade, como descreveram os entrevistados da pesquisa.

O problema da ventilação das salas de aulas foi bastante sinalizado, além de problemas envolvendo os elevadores e as rampas de acesso para pessoas com dificuldade de locomoção:

*Às vezes tenho aula lá em Ondina e **não tem um ar condicionado, é um ventilador que fica na porta**. Ai... **um calor insuportável**... eu já tenho pressão baixa, fico me sentindo mal. Não absorvo nada do assunto (estudante do 4º semestre do BI em Saúde, grifo nosso).*

*Uma pessoa que não tem condições de assistir aula no 5º andar quando o **elevador está quebrado** [...] ele **perde o conteúdo**, às vezes os professores não querem saber o motivo e nem transferem a aula para outra sala, muitas vezes porque **não tem outra sala** para transferir essa turma (estudante do 6º semestre do BI em Saúde, grifo nosso).*

A infraestrutura é um pouco antiga e não atende as necessidades de todos os alunos. Um exemplo que eu cito é os deficientes... difícil você encontrar uma rampa aqui na UFBA que sirva para alguém com cadeira de rodas, ou deficiente visual. Eles precisam da ajuda de outra pessoa para subir as escadas, principalmente quando os elevadores estão com defeito e, isso acontece diversas vezes, a cada semestre, e as pessoas, às vezes, ficam impossibilitadas de assistir aula, porque com a cadeira de rodas... só tem escada, não tem rampa... como elas vão assistir as aulas se o elevador está quebrado? (estudante do 6º semestre do BI em Saúde).

Os fatores ambientais inerentes à estrutura física da UFBA podem prejudicar diretamente a formação de seus estudantes. De acordo Schall e Struchiner (1999) a formação em saúde não envolve apenas “a aprendizagem sobre as doenças, como evitá-las, seus efeitos sobre a saúde e como restabelecê-la” (SCHALL; STRUCHINER, 1999). Para essas autoras a educação em saúde deve se preocupar também com a promoção da saúde que “inclui os fatores sociais que afetam a saúde, abordando os caminhos pelos quais diferentes estados de saúde e bem-estar são construídos socialmente” (SCHALL; STRUCHINER, 1999).

Quando os estudantes sinalizam que a comida oferecida no restaurante é de qualidade ruim, que a climatização das salas de aulas não é boa chegando ao ponto de prejudicar a pressão arterial, que há precariedade na higienização dos banheiros, deficiência na segurança e problemas no funcionamento de elevadores e rampas de acesso, estão dizendo que o ambiente que estudam está insalubre ou, no mínimo, inadequado, ou seja, contraditório com os próprios fundamentos da educação em saúde. Conforme Schall e Struchiner (1999) o processo de educação em saúde está relacionado também à promoção do homem e de sua qualidade de vida:

Uma educação em saúde ampliada inclui políticas públicas, ambientes apropriados e reorientação dos serviços de saúde para além dos tratamentos clínicos e curativos, assim como propostas pedagógicas libertadoras, comprometidas com o desenvolvimento da solidariedade e da cidadania, orientando-se para ações cuja essência está na melhoria da qualidade de vida e na ‘promoção do homem’ (SCHALL; STRUCHINER, 1999).

Assim, é possível concordar com Schall e Struchiner que a formação universitária na área da saúde precisa de mais políticas de investimento e que suas propostas sejam continuamente avaliadas de modo que se promova a cidadania e a promoção do conhecimento.

Categoria 4: Espaços de aulas práticas: laboratórios e cozinhas

As aulas em laboratórios e cozinhas são fundamentais para praticar a aprendizagem dos conteúdos teóricos dos cursos de saúde, mas neste aspecto os estudantes apontaram vários problemas, principalmente os estudantes de Biotecnologia e Gastronomia:

Em termos de laboratórios, tem déficit de tudo, faltam matérias... se você tem laboratório aí falta tomada para você colocar o aparelho, enfim, uma infinidade de coisas que faltam em termos de estrutura (estudante do 3º semestre de Biotecnologia, grifo nosso).

A gente está com sérios problemas com insumo, infraestrutura da cozinha [...], a gente não teve nenhuma aula prática [...] Sem aula prática porque a gente precisa dos insumos que são os ingredientes, e aí está tendo problema com o fornecedor, e se não tem insumos, não tem como você ter a técnica e ir para cozinha aprender, fazer as receitas [...]. A gente está quase no fim do semestre e não teve nenhuma aula (estudante do 3º semestre de Gastronomia, grifo nosso).

A cozinha do curso de Gastronomia ganha destaque entre os estudantes desse curso por se tratar de um espaço essencial para as aulas práticas. Todos os entrevistados de Gastronomia mostraram-se bastante inconformados e sua insatisfação durante a entrevista foi visível, pois não se manifestaram sobre outros espaços da universidade, como fizeram os estudantes dos demais cursos. Dedicaram sua entrevista a opinar sobre a cozinha de Gastronomia, que para eles, a estrutura é precária. Alertam para o fato de que faltam

equipamentos na cozinha, que não conseguem praticar as receitas que aprendem nas aulas teóricas, faltam insumos e capacidade física para atender a todos os estudantes:

A gente fica sem aula durante três, quatro semanas seguidas [...] porque não tem como ter aula por má instalação de equipamentos. A cozinha em si, ela é precária, porque ela não tem como ser uma cozinha para caber 20 pessoas, dá no máximo 12, 13 e os professores tentam colocar lá dentro 15 a 20 alunos (estudante do 3º semestre de Gastronomia, grifo nosso).

Arelada à questão das instalações físicas da cozinha, os pesquisados apontam outro problema, este, relacionado à autonomia do seu curso diante do curso de Nutrição (existente há mais tempo no prédio em que estudam) e a interação envolvendo os dois cursos. Para os estudantes, apesar de os dois cursos ocuparem o mesmo prédio, não há muita interação entre eles e a universidade prestigia em seu planejamento o curso mais antigo, em detrimento do mais novo, que é Gastronomia. Sentem-se discriminados pelo curso de Nutrição que funciona há mais tempo no prédio. Relatam que um novo prédio, contendo 4 cozinhas, foi inaugurado para os dois cursos, mas seu uso ainda não foi autorizado porque não está regularizado pelas normas de funcionamento. Sentiram-se constrangidos durante tal inauguração, pois segundo eles, os professores de Nutrição alegaram que o prédio só pertencia a Escola de Nutrição e que os alunos de Gastronomia não poderiam adentrá-lo:

Alguns professores falaram que gastronomia não era para entrar... só que os alunos de gastronomia que serviram o coquetel no dia da entrega do prédio. A gente percebe uma diferença entre gastronomia e nutrição (estudante do 4º semestre de Gastronomia, grifo nosso).

O problema da interação também aparece nas falas dos pesquisados de Biotecnologia ao se referirem aos demais estudantes do Instituto de Ciências da Saúde (ICS), onde está localizado o seu curso:

Não há interação entre os alunos dos outros cursos aqui no prédio (estudante do 5º semestre de Biotecnologia, grifo nosso).

Categoria 5: Sistema de transporte Buzufba

A distância entre os *campi* da UFBA, em Salvador, debatida por estudantes e os gestores da instituição, atrelada às metas da universidade para investimento em mobilidade interna, fez com que se criasse um sistema de transporte, chamado “Buzufba”, como afirma esta estudante:

Quando eu entrei, ainda não tinha o buzufba e a gente brigou muito para ter o buzufba, porque é uma briga histórica do DCE, existia, na década de 90 se eu não me engano, início do ano 2000, saiu da UFBA e voltou agora. Então, é... deixa a desejar porque ainda são micro-ônibus, são poucos e tal, mas comparado ao período em que não havia é ótimo (Estudante do 6º semestre do BI em Saúde, grifo nosso).

O compromisso de fazer investimento em veículos que transportasse os membros da instituição é afirmado na Proposta de Adesão da UFBA ao REUNI (2007), além de que o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2012-2016 definiu como meta “implantar um sistema de transporte *intracampus* e *intercampi* acessível, eficiente e ecologicamente sustentado (passarelas, planos inclinados, ônibus *intercampi*)” (UFBA, 2012, p.40). Em 2012 foi implantado “um sistema de transporte *intercampi* denominado ‘Buzufba’” (UFBA, 2013,

p.116) que passou a contemplar muitos estudantes, mas a queixa dos usuários do Buzufba é de que os ônibus são pequenos e em quantidade reduzida para a demanda estudantil, ocasionando a superlotação no interior dos veículos que põe risco aos estudantes durante as viagens realizadas entre os *campi*:

O Buzufa, no início, era bonitinho, organizado, pedia o comprovante de matrícula... mas você vê que hoje quem quiser entra [sem comprovante] (estudante do 6º semestre do BI em Saúde, grifo nosso).

O Buzufba parece um bocado de lata de sardinha, enfim, a gente sofre pra ser estudante (estudante do 3º semestre de Biotecnologia, grifo nosso).

Além da superlotação, jornais locais já noticiaram assaltos nestes veículos, como um ocorrido em janeiro de 2014 (MENDES, 2014). Assim, os estudantes sugerem, durante as entrevistas, que a questão do Buzufba seja revista de modo que se amplie esse serviço e que ele seja mais bem supervisionado, pois sua aquisição foi uma conquista, que não se pode retroceder, haja vista a carência desse sistema de transporte que perdurou durante anos.

Categoria 6: Segurança nos *campi*

A segurança nos *campi* da UFBA já foi pauta de vários debates estudantis e de candidatos à reitoria da instituição e essa temática sempre volta à tona quando ocorre algum caso de violência muito grave. Os entrevistados também citaram a segurança interna da universidade como sendo parte da política de gestão da UFBA envolvendo a sua estrutura física:

Para o que a gente tinha antes é um grande avanço, mas ainda tem que melhorar muito essa questão de infraestrutura da UFBA, a questão de segurança principalmente... (estudante do 3º semestre de Biotecnologia, grifo nosso).

A segurança citada pelo entrevistado já foi resultado de uma pesquisa, realizada na UFBA, em 2010. Preocupada em conhecer a relação do público universitário com as câmeras de vigilância, a investigação mostrou que 69% dos pesquisados declararam sentir-se inseguros diante das ocorrências de violência intramuros (LEMOS *et al.*, 2011). Esta pesquisa foi realizada no *campus* de Ondina, com 766 pessoas, entre elas estudantes, professores e outros funcionários, e mostrou que a UFBA vem tomando medidas de segurança para diminuir a criminalidade através da instalação de câmaras de vigilância, sob a manutenção de uma empresa de segurança terceirizada. Neste estudo, a assessoria de Coordenação de Segurança da Universidade afirmou que a vigilância por câmeras é uma medida de segurança preventiva e complementar ao processo de segurança do patrimônio e da comunidade acadêmica (LEMOS *et al.*, 2011). Mas, um resultado curioso apontado nessa pesquisa é que a instalação das câmeras “não passou por nenhuma consulta ampla ao público universitário afetado” (LEMOS *et al.*, 2011) e a Coordenação de Segurança não ofereceu nenhum dado estatisticamente agrupado, com precisão, sobre o número de ocorrências, demonstrando que “o trabalho de gestão da informação é feito de forma descontinuada” (LEMOS *et al.*, 2011).

Devido o problema da ausência de registros precisos e confiáveis sobre casos de violência, em 2013 foi instalado o Sistema de Registro de Ocorrência (SRO) pela UFBA com o objetivo de criar uma base de dados que registre eventos, como: “furtos, roubos, violência sexual, crimes contra o patrimônio universitário ou privado, sequestro, tentativa de homicídio, assassinato, lesão corporal e tráfico de entorpecentes, ocorridos nas áreas internas das unidades ou em seus entornos (SISTEMA..., 2013). Ao ser apresentado o SRO, o Pró-Reitor de Administração da UFBA informou que “esses registros serão apresentados às autoridades

governamentais como objetivo de propor um debate qualificado e reivindicar rondas com mais cuidado, no entorno das unidades da UFBA” (SISTEMA..., 2013).

Os entrevistados dos cursos noturnos de saúde da pesquisa vigente, mesmo sem terem sido questionados se conheciam as medidas de segurança da universidade, apontaram insegurança nos *campi* da UFBA, assim como os sujeitos da pesquisa de Lemos *et al.* (2011). Desse modo, é possível inferir que as medidas de segurança precisam melhorar, pois continuam sem atender, de forma efetiva, a todos.

Considerações finais

A análise do novo perfil de estudantes da UFBA, associada à política de expansão da universidade, permite perceber que a instituição teve enormes avanços do ponto de vista da inclusão, num espaço amplamente defendido por sua excelência na promoção da ascensão social. Se num período anterior ao REUNI, cujo acesso a educação superior pública era mais restrito e, menos de 30% de todo seu público estudantil pertencia a camadas sociais possuidoras de até cinco salários mínimos, o que se pode avaliar do momento atual quando 58,7% desses mesmos estudantes ocupam esse espaço (aqui representados pelos entrevistados dos cursos de saúde) é a efetividade na inserção de mais pessoas oriundas dessas classes na tentativa de dirimir as desigualdades e contribuir para um importante projeto de nação.

A hegemonia das classes abastadas nos cursos de saúde é historicamente conhecida e igualmente criticada pelos sociólogos da educação que, há muito, sinalizam em suas obras a necessidade de mudança de modo a contemplar a democracia, como o faz o professor Arroyo (1990). A alteração do majoritário perfil de estudantes com renda acima de 10 e 20 salários mínimos, para um perfil, cujos estudantes possuem renda familiar de até 3 ou 5 salários mínimos é uma conquista da democracia, viabilizada pelas políticas de educação.

É sabido que as entrevistas aos cursos de saúde usadas neste artigo não podem representar qualitativamente nem quantitativamente a totalidade dos outros cursos tradicionais, como Medicina, Odontologia, Enfermagem, Medicina Veterinária, entre outros, não só porque funcionam no noturno, mas também porque são cursos criados mais recentemente e, portanto, têm outras demandas. Mas, a demanda por cursos da área da saúde, de maneira geral, no turno da noite, teve um posicionamento plausível da universidade ao repensar tal ausência e atender uma parcela reprimida que não podia estudar durante o dia. A pesquisa qualitativa envolvendo estudantes dos cursos noturnos é de grande relevância para contribuir na gestão e planejamento da universidade, de maneira que venha atender um público que até 2009 era quase desconhecido na UFBA, devido a existência de apenas dois cursos noturnos.

Para melhor implementar as políticas da educação superior, as equipes gestoras precisam conhecer mais as demandas do público noturno, que em sua maioria é trabalhadora, e que necessita do Restaurante Universitário, de espaços como secretarias e bibliotecas funcionando de maneira adequada, de sistema de transporte que a leve de um *campus* a outro sem maiores riscos, dado o horário das aulas e a insegurança dos grandes centros urbanos, a segurança física dentro dos *campi* e as condições estruturais dos prédios e suas instalações.

A implementação dos cursos de graduação profissionalizantes de Farmácia, Biotecnologia, Saúde Coletiva e Gastronomia, atende, sobretudo, a primeira diretriz do REUNI que estabelecia expansão de vagas especialmente no período noturno. O Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, embora não profissionalizante, além de atender essa primeira diretriz, responde principalmente à segunda que se refere a reestruturação curricular. A UFBA deu um grande passo ao implementar essa modalidade curricular, porque além de ter um currículo flexível e interdisciplinar, que permite que os estudantes façam maior articulação de saberes entre as disciplinas e cursos ofertados na instituição, responde a uma carência da

formação em saúde, que vem apontando no país dificuldades com uma formação compartimentalizada no preparo dos graduados para lidar com o trabalho em equipes multiprofissionais, fazendo com que saiam da universidade com uma visão fragmentada ou desarticulada da realidade dos postos de atendimento, sobretudo do sistema público de saúde.

Na construção da cidadania, pelo viés da educação, muitos direitos são criados e efetivados, outros são apenas criados e há também aqueles que, mesmo depois de criados e efetivados, dão lugar a novos direitos, que até sua criação não era possível prevêê-los por não terem sido praticados. Assim acontece com a prática do direito ao sistema de transporte Buzufba e ao Restaurante Universitário, que não existiam ou existiam com insuficiência, mas quando colocados em práticas permitiram perceber que precisam ser reavaliados para sua perenidade.

Como uma política pública, especialmente em educação, “envolve mais do que uma decisão e requer diversas ações estrategicamente selecionadas para implementar as decisões tomadas” (RUA, 2007, p.1-2), várias são as suas etapas que precisam ser executadas para que ela obtenha êxito. Entre essas etapas há a própria decisão política, a agenda pública a formulação, a implementação e a avaliação. No caso do REUNI, essas etapas foram executadas com exceção da última. Espera-se que resultados apresentados como os deste artigo sejam considerados para um processo avaliativo dessa política na UFBA, de modo que a universidade avalie os avanços e retrocessos, especialmente em relação à estrutura física, que de acordo à pesquisa ainda precisa melhorar.

Referências

ALMEIDA FILHO, N. *et al.* **Memorial da Universidade Nova: UFBA 2002-2010.** Salvador: EDUFBA, 2010.

ALVES, Alan Tiago. Ufba: Restaurante Universitário funciona normalmente. **Jornal A Tarde:** Salvador-BA, 01 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.atarde.uol.com.br/bahia/salvador/materias/1481976-ufba-restaurante-universitario-funciona-normalmente>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

ARROYO, Miguel. A universidade, o trabalho e o curso noturno. **Estudos e debates,** Brasília, n. 17, p. 91-94, 1990.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União,** 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 19 nov. 2013.

_____. Ministério da Educação. REUNI - **Reestruturação e Expansão das Universidades Federais:** diretrizes gerais (Documento Elaborado pelo Grupo Assessor nomeado pela Portaria nº 552 SESu/MEC, de 25 de junho de 2007, em complemento ao art. 1º §2º do Decreto Presidencial nº 6.096, de 24 de abril de 2007). Brasília, 2007.

CUNHA, M. B. **Construindo o futuro:** a biblioteca universitária brasileira em 2010. *Ci. Inf.,* Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 71-89, 2000.

DURHAM, E. R. SAMPAIO, H. **O setor privado de ensino superior na América Latina.** *Cadernos de Pesquisa,* nº 110, p. 7-37, julho/ 2000.

FONAPRACE - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras**. Brasília, 2011.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia (Ribeirão Preto), 2004. vol.14, n.28, p.139-152. ISSN 0103-863X.

LATOUR, Bruno. **Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções**. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p.21-44.

LEMOS, André *et al.* **Câmeras de vigilância e cultura da insegurança: percepções sobre as câmaras de vigilância da UFBA**. ALCEU - v. 12 - n.23 - p. 143 a 153 - jul./dez. 2011.

MARANHÃO, J.D. PASSOS, W.S, BAPTISTA, C.M, VERAS, R, M. **Adesão da UFBA ao REUNI e a nova modalidade curricular: os Bacharelados Interdisciplinares**. Anais do VI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, 2013a, p.1607-1623.

MARANHÃO, J.D. PASSOS, W.S, VERAS, R, M. **Avaliação do processo de adesão da UFBA ao REUNI**. Anais do XIII Coloquio Internacional de Gestión Universitaria en Américas: Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad, 2013b.

MENDES, Henrique. **Estudantes da UFBA são assaltados em micro-ônibus da universidade**. G1Bahia, 24 jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/01/estudantes-da-ufba-sao-assaltados-em-micro-onibus-da-universidade.html>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

RUA, M.G. **Análise de políticas públicas: conceitos básicos**. (mimeo) [s.d.]. 21 jun. 2007. v. 4. Publicações Europa-América (1977 a 2002).

SANTANA, C.B. **A caminho da democratização da UFBA: o novo aluno dos cursos noturnos**. Dissertação de mestrado, UFBA, 2013.

SCHALL, Virgínia T. STRUCHINER, Miriam. Educação em saúde: novas perspectivas. **Cad. Saúde Pública**, vol.15, suppl.2, pp. S4-S6, 1999.

SISTEMA de Registro de Ocorrências de Segurança é apresentado na UFBA. Portal de notícias **UFBA em Pauta**: Salvador- BA, 014 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.ufba.br/noticias/sistema-de-registro-de-ocorr%C3%Aancias-de-seguran%C3%A7a-%C3%A9-apresentado-na-ufba>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

SOUZA, E. S. A **“Maquiagem” do trabalho formal**: Um estudo do trabalho das mulheres terceirizadas no setor de limpeza na Universidade Federal da Bahia. III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero: Associativismo, profissões e políticas públicas, Goiânia, 2010.

TERRIBILI FILHO, A; NERY, A. C. B. **Ensino superior noturno no Brasil: história, atores e políticas**. RBPAAE – v.25, n.1, p. 61-81, jan./abr. 2009.

UFBA reabre R.U. e Pontos de Distribuição de Refeições. Portal de notícias **UFBA em Pauta**: Salvador- BA, 08 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.ufba.br/noticias/ufba-reabre-ru-e-pontos-de-distribui%C3%A7%C3%A3o-de-refei%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

UFBA. **Perfil sócio-econômico dos candidatos inscritos e classificados no concurso vestibular da UFBA 2001-2004**. Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento – PROPLAN. Salvador, 2005.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2012-2016**. Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento – PROPLAN. EDUFBA: Salvador, 2012.

_____. **Proposta de Inclusão da Universidade Federal da Bahia no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI**. Salvador, 2007.

_____. **Quantitativo de ações de assistência estudantil para os cursos da saúde**. Documento cedido pela Coordenadoria dos Programas de Assistência ao Estudante exclusivamente para a pesquisa intitulada *As implicações acadêmicas decorrentes do REUNI para o processo de formação em saúde da UFBA*, em 21 de janeiro de 2014.

_____. **Relatório de Gestão do exercício de 2012**. Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento – PROPLAN. Salvador, 2013.

_____. **Resolução n. 03 de 29 de abril de 1999** - Regulamenta os Cursos de Graduação no turno noturno na Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.prograd.ufba.br/Arquivos/Resolucao-CEG03-1999.pdf>